



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

FERNANDA LAIS BARROS SILVA

RESILIÊNCIA: A ESCRITA LITERÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

**CAMPINA GRANDE
2022**

FERNANDA LAIS BARROS SILVA

RESILIÊNCIA: A ESCRITA LITERÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Fernanda Lais Barros.
Resiliência [manuscrito] : a escrita Literária em tempos de
pandemia / Fernanda Lais Barros Silva. - 2022.
41 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa
Agra, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "
1. Literatura. 2. Pandemia Covid-19. 3. Meio social. 4.
Produção literária. I. Título

21. ed. CDD 808

FERNANDA LAIS BARROS SILVA

RESILIÊNCIA: A ESCRITA LITERÁRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras.

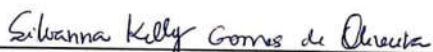
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 15/12/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agr
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dr.ª Silvana Kelly Gomes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dr.ª Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Palavras não seriam suficientes para agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para o fechamento de um ciclo tão importante na minha vida. O mais singelo agradecimento ainda seria pouco, pois sou o sentimento de gratidão é imenso e não cabe em um simples “obrigada”. “Em tudo dai graças”!¹

Transbordando de gratidão, agradeço primeiramente ao Deus que me cuida e é minha fortaleza, aquele que se faz presente em todos os momentos de minha vida os quais sinto seu amor constantemente. A ele, minha inexprimível gratidão.

À família, minha base de tudo:

Aos meus pais, eles que me formaram como ser humano e sempre apoiaram minha formação acadêmica. Vocês são minha vida e minha dose diária de resistência. Para vocês o meu melhor sempre e em tudo. Para vocês minha gratidão e dívida eterna.

Às minhas amigas:

Renally, Geovanna e Dani, vocês são presentes de Deus em minha vida. Gratidão a minha companheira de graduação, Aluizia Pessoa, compartilhamos dias bons e ruins, rimos, aprendemos e, juntas, finalizamos esse ciclo. Sem você os dias não seriam tão leves e felizes quanto foram. Sem você não teria sido possível.

Ao meu querido esposo Walter, que em nenhum momento deixou de acreditar em mim, me incentivando e reforçando o que de melhor posso oferecer. Gratidão por tanto amor e admirável paciência.

Ao professor Anacã Agra, por aceitar minha ideia, por me acompanhar nesse itinerário e não desistir perante tantos percalços.

A todos, minha eterna gratidão!

¹ * “Em tudo dai graças” (1 tessalonicenses 5:18 – Bíblia Sagrada)

“Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver.”

Tzvetan Todorov

RESUMO

No cenário mundial em que se deu a pandemia do Covid-19 – disseminação do vírus SARS--CoV2, o qual ocasionou inúmeras mortes e, para conter tal avanço, foi imposto em todo mundo o isolamento - buscamos conhecer de que forma as experiências passadas pelo sujeito durante esse período marcado pelo medo, o luto, as angústias, entre outros sentimentos, foram traduzidas e resignificadas através da Literatura. Com isso, objetivamos reafirmar a importância da escrita literária de um grupo de 08 autores como uma forma de expressar pensamentos e sentimentos, e rediscutir através da revisão bibliográfica comparando obras que reconhecem a importância do meio social como fator intrínseco na formação de pensamento e produção literária. Nossa abordagem metodológica se deu no âmbito da pesquisa qualitativa-exploratória na qual estudamos um conjunto de 08 poemas que foram enviados através da criação de um formulário produção autoral intitulado: Resiliência: a literatura em tempos de pandemia, divulgado através das redes sociais e grupos de WhatsApp entre os meses de maio a junho de 2021. Almejamos, com isso, identificar na escrita literária, de que forma tais experiências são recontadas. Para embasar nossa pesquisa, recorremos a alguns teóricos que refletem sobre a importância da literatura para a sociedade, dentre eles utilizamos Candido (1970;2006), Denis (2002), Todorov (2009), Fischer (1983), Moisés (2019), Calvino (1980), Morin (2005), Perrone-Moisés (2016). Os resultados evidenciaram que a literatura mais uma vez torna-se uma válvula de escape para os seres humanos. A escrita literária permitiu a esses entrevistados, a possibilidade de exprimir aquilo que os inquietava e os movia durante um cenário de imprevisibilidade e assim, desse margem para uma visão resiliente.

Palavra-chave: Literatura. Pandemia COVID-19. Meio social. Escrita Literária.

ABSTRACT

In the world scenario in which the Covid-19 pandemic took place - the spread of the SARS--CoV2 virus, which caused countless deaths and, to contain this advance, isolation was imposed worldwide - we seek to know how past experiences by the subject during this period marked by fear, mourning, anguish, among other feelings, were translated and resignified through Literature. With this, we aim to reaffirm the importance of literary writing by a group of 08 authors as a way of expressing thoughts and feelings, and re-discuss through the bibliographical review comparing works that recognize the importance of the social environment as an intrinsic factor in the formation of thought and literary production . Our methodological approach took place within the scope of qualitative-exploratory research in which we studied a set of 08 poems that were sent through the creation of a form - authorial production - entitled: Resilience: literature in times of pandemic, disseminated through social networks and WhatsApp groups between the months of May to June 2021. With this, we aim to identify in literary writing, how such experiences are retold. To base our research, we resort to some theorists who reflect on the importance of literature for society, among them we use Candido (1970;2006), Denis (2002), Todorov (2009), Fischer (1983), Moisés (2019), Calvino (1980), Morin (2005), Perrone-Moisés (2016). The results showed that literature once again becomes an escape valve for human beings. Literary writing allowed these interviewees the possibility of expressing what disturbed them and moved them during a scenario of unpredictability and thus, gave rise to a resilient vision.

Keywords: Literature. COVID-19 pandemic. Social enviroment. Literary Writing.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A LITERATURA SALVÍFICA: REAFIRMANDO VALORES.....	12
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1	Contextualizando os dados da pesquisa.....	19
3.2	Dados importantes para análise poética: Quem são os autores?...	20
3.3	Questionário: Sobre o poder frutivo da literatura.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – RESILIÊNCIA: A LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA	38

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, fomos impactados pela pandemia do COVID-19 – doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 – a propagação de um vírus desconhecido à época resultou em milhares de mortes pelo mundo inteiro e, ainda hoje, não podemos dizer com exatidão o quão devastador foi para cada ser humano lidar com a perda de parentes, amigos e tantos outros desconhecidos. Grande parte da sociedade se viu enxergando o mundo lá fora pelo quadrado de suas janelas, pois, para conter o alastramento do vírus, foi instaurado em todo o território brasileiro, o isolamento social.

Ao longo da história, principalmente em seus momentos mais marcantes e difíceis, a literatura sempre esteve presente em nossa sociedade dando voz à interpretação de mundo sobre os mais diversos acontecimentos que cada indivíduo presenciasse. Os textos literários, portanto, são de extrema importância para compreensão de mundo, pois é através de um olhar sensível, que moldamos a forma como o mundo ao nosso redor é compreendido, assim como assegura Pérrone-Moisés (2016) sobre o ato frutivo da Literatura.

Levando em consideração o fato de que somos seres essencialmente sociais e de que, para compreensão de mundo, é preciso ter autonomia de ser, em determinados contextos, “[...] a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável” (CANDIDO, 2006, p. 28). Para tanto, é neste terceiro grupo que a nossa pesquisa delimita a análise de estudo.

Por conseguinte, refletindo sobre como se deu este cenário pandêmico e considerando a importância e as contribuições da Literatura em nossa sociedade, apresentamos neste trabalho o resultado de uma pesquisa sobre a influência exercida pelo meio social, ou seja, o que estava se passando no mundo, com a disseminação do vírus do COVID-19 e a imposição do isolamento social, a quarentena, sentimentos como: o medo, a angústia, o sofrimento, entre tantas outras inquietações, o que poderia ser visto, diante disso, nos poemas selecionados para análise do corpus. Com isso, nossas reflexões buscam responder ao seguinte questionamento: de que forma as experiências passadas pelo sujeito que atravessou a pandemia do COVID-19 são

recontadas pela literatura? Justifica-se tal pensamento, visto que, a poesia tornou-se caminho escolhido de uma voz que fala por versos e é símbolo de resistência.

Com isso, afirmar a importância da escrita literária produzida pelos participantes da pesquisa diante do confinamento/isolamento social e rediscutir através da revisão bibliográfica como em tempos pandêmicos tal homem se expressa através da arte dando forma, nome e sentido ao contexto em que ele está inserido.

Nossas reflexões estão expostas no capítulo intitulado “*A Literatura Salvífica: Reafirmando Valores*”, nós discutimos sobre o poder e a força da literatura. Em seguida os estudos serão aprofundados com as reflexões de Antonio Candido em “*A literatura como representação do real*” sobre a influência do meio social em obras literárias. Foram utilizados como aporte teórico os autores: Antonio Candido (2006) em *Literatura e Sociedade* e também *Vários Escritos* (1977) e, principalmente, a carta intitulada: *O Direito à Literatura* (1988), Denis e Benoit retratando sobre *A literatura de engajamento - pascal e Sartre*, e Ernst Fischer (1983), em *A necessidade da arte*, como também, Leyla Perrone-Moises discutindo sobre as *Mutações da Literatura no século XXI* (2016).

Mediante essa realidade pandêmica, entre os meses de março a maio de 2021, elaboramos um formulário² - autoria própria - o qual foi compartilhado através das redes sociais solicitando o envio de produções literárias produzidas durante a pandemia do COVID-19 e que tivessem como tema questões relacionadas ao isolamento social, ao confinamento, como também sentimentos e pensamentos diversos, além disso, o formulário também havia algumas perguntas de cunho sociocultural: nome, idade, cidade em que moram, e formação acadêmica. Participaram da pesquisa oito pessoas com faixa etária entre 18 e 30/50.

Feito isso, a nossa pesquisa de caráter qualitativa-explicativa tem a finalidade de analisar, dentre as produções literárias enviadas, o primeiro poema intitulado *A lâmpada do Aladim*³, o segundo sem título de Melissa L. de A. Neiva, o terceiro *Quarentena, dia:??* de Jaqueline Camargo Moreira, o quarto⁴ poema também sem título, o quinto e último poema intitulado *Quarentena* de Sarah Carolina R. S. Ferreira.

Portanto, inicialmente, leva-se em consideração a hipótese de que a literatura mais uma vez torna-se meio de resistência para o sujeito expressar seus anseios,

² VER APÊNDICE A – RESILIENCIA: A LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

³ O autor não respondeu à pergunta sobre a divulgação da identidade na pesquisa.

⁴ O autor escolheu não ter a identidade revelada na pesquisa.

sendo escolhida como caminho para a superação. Justifica-se tal pensamento por assim dizer que: é sempre válido reafirmar o valor da literatura no contexto social no qual estamos inseridos.

“A literatura é, assim, um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam” (PÉRRONE-MOISÉS, 2016, p.37). Acreditamos, pois, na importância da literatura como uma possibilidade de enfrentamento, crescimento, autoconhecimento, superação e fruição para pessoas que precisaram e puderam estar em distanciamento social.

2 A LITERATURA SALVÍFICA: REAFIRMANDO VALORES

Ao olharmos para a história da humanidade, vemos que, de tempos em tempos, somos acometidos pela desordem, basta lembrarmos fatos marcantes como a peste no século XIV, a gripe espanhola em 1918 ou o vírus ebola em 2013. Da mesma forma, em 2020, se deu aqui no Brasil e no mundo o período de confinamento social devido à pandemia do COVID-19.

Na poesia, podemos citar como exemplo o poeta paulistano Lucas Lins⁵, de 22 anos, que concluiu em maio de 2021, uma série de poesias chamada *Poesia para matar o corona*, compartilhada pela rede social do facebook poemas narrando o cotidiano de sua quarentena. Já no cordel citaremos a publicação do livro *O cordel do Corona Vírus* de Tião Simpatia⁶ editado pela Tupynanquim de Klévisson Viana, fortalecendo a ideia de que o cordelistas são cronistas do tempo em que vivem. Por fim, a colaboração pela companhia de artes Sandra Buarque Cia de Artes⁷ reuniu cerca de 70 obras produzidas durante o isolamento de artistas plásticos de Pernambuco, etc. retratando temas sobre as diversas camadas existentes em contexto pandêmico.

Ao atravessarmos momentos como estes os quais as possibilidades de risco aumentam e com isso diminuem a expectativa de vida, a Arte e a Literatura são meios indispensáveis para compreensão da passagem de tempo. Por isso, Fischer (1983) diz que “Ansiamos por algo, o ser humano tem em si um vazio que precisa ser preenchido e, para ele, explicável, que faça sentido em sua existência”, ou seja, mesmo que conceituemos o que nos motiva, sabemos que tal pensamento se justifica pelo fato de sempre quisermos nomear e compreender aquilo nos cerca.

Com isso, podemos afirmar que “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como todo; reflete a infinita capacidade humana para associação, para a

⁵ LINS, Lucas. Poesia para matar o Corona. Facebook: poesialucaslins. São Paulo. Novembro de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/poesialucaslins>

⁶ SOUZA, Roberta. Veja como a pandemia foi retratada pela literatura de cordel desde março de 2020. Diário do Nordeste, 14 de junho de 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/veja-como-a-pandemia-foi-retratada-pela-literatura-de-cordel-desde-marco-de-2020-1.3097486>. Acesso em novembro de 2022.

⁷ COMPANHIA DE ARTES, Sandra Buarque. Facebook: sbciaartes. Pernambuco. Novembro de 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/sbciaartes/>

circulação de experiências e ideias” (FISCHER, 1983, p.11). Ou assim como afirma Antonio Candido: “as produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo” (CANDIDO,1988, p.179). Para Todorov a literatura “[...] pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 1939, p.76)

A Literatura é comparada, no sentido amplo em que perpetuou no final do século XIX em toda a Europa, com a filosofia e as ciências humanas, ela “[...] é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana” (TODOROV, 1939, p. 77).

Em uma carta intitulada *Direito à Literatura*, o teórico e professor Antonio Cândido (1988), discute sobre a relação entre direitos humanos e Literatura. Tal questão faz-se necessária, pois ao constatarmos que os bens compreensíveis e incompreensíveis, ou seja, aquilo que é essencial ou não ao ser humano, percebemos que o acesso à Literatura, é em sua forma geral e ampla, um direito que não pode ser negado.

Para entendermos o que ambos os temas têm em comum, ele faz um panorama do que seria meios materiais e imateriais para cada indivíduo, pois para ele nós temos as soluções possíveis e viáveis para as “grandes desarmonias que geram a injustiça” enfrentadas na sociedade, mas que não há agentes que se empenhem na solução.

Houve uma mudança animadora quando a barbárie deixou de ser exibida como ato admirável, mudança nos comportamentos do cotidiano ou nos discursos das classes mais favorecidas, dos políticos e empresários, “pois se o mal é praticado, mas não proclamado, quer dizer que o homem não o acha mais tão natural”. A injustiça social passou a ser constrangedora, pois a carência era visível e transmitida para quem quisesse ver e, com isso, houve talvez um progresso em que o sensacionalismo do fato seja visto como amor ao próximo, mesmo que isso não mudasse em nada a realidade de uma comunidade desfavorecida.

O autor explica que é a partir desse pensamento que surge o problema com os direitos humanos e, conseqüentemente, com o direito as expressões literárias, pois partimos do pressuposto de que se faz necessário reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é, também, indispensável para o outro. No caso específico, fica claro que os “bens compreensíveis” aqueles considerados indispensáveis à vida e os “bens incompreensíveis” aqueles que não podem ser negados como por exemplo: “a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura”, pois, todos eles são bens que fazem parte da sobrevivência humana.

Corroborando com esse mesmo pensamento o autor e crítico Umberto Eco (2003), quando diz que: a literatura é um bem imaterial que tem uma série de funções tanto para a vida individual como para a vida social do homem. A primeira delas é que: A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade [...] Mas a prática literária mantém em exercício também a nossa língua individual. (ECO, 2003, p.11)

Ou seja, além de ser um bem imaterial e incompreensível, a literatura dá forma e expressão criando identidade e conseqüentemente uma comunidade. Entretanto, não podemos afirmar que o direito à arte e à literatura, assim como esperávamos e deveria ser, está assegurado como defende Candido como meio incompreensível ou como sugere Umberto como bem imaterial pois nem toda população tem acesso a esses bens.

Ainda analisando sobre muitas das funções que a literatura exerce na vida do ser humano, vale destacar aqui o pensamento de Denis sobre a literatura engajada, no qual ele diz que:

procede, numa larga medida, da consciência que o escritor possui da sua historicidade: ele se sabe situado num tempo preciso, que o determina e determina a sua apreensão das coisas; porque escrever se identifica desde então com o projeto de mudar o mundo, e para que a literatura seja um autêntico empreendimento de mudança do real, é preciso que o escritor / aceite escrever para o presente e queira em nada faltar com o [seu] tempo (DENIS, 2002, p. 38-39).

Ela é feita “para o seu tempo presente, já que ela não tem mais o tempo diante dela para fazer o seu caminho, mas que é preciso atingir o seu objetivo aqui e agora”. Porém, há controvérsias, para alguns isso “poderia ser visto como um “assassino” da

literatura”, pois o que nos é exigido pela crítica literária vai totalmente ao contrário do que essa literatura nos oferece.

Mas, o autor usa o pensamento de Sartre para criticar a ideia de uma literatura preocupada apenas com “ela mesma e separada do mundo de sua desnecessariedade na sociedade”, com isso, o êxito se dá quando: “o sucesso não se mede pela longa duração, mas pela eficácia imediata dos textos, quer dizer, pelas suas capacidades de tocarem um público importante, suscitarem o debate, provocarem reações. ” (DENIS, 2002, 79-80). É, pois, no dia a dia que iremos apresentar a seguir considerações pertinentes sobre como a literatura e o meio social estão, em certos contextos, intrinsecamente ligados.

Portanto, aprofundando o pensamento do professor e crítico literário Antonio Candido, iremos com base no debate sobre a relação entre literatura e meio social compreender, em primeiro lugar, como se deu essa combinação.

Assim como cita Candido, “[...] procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial” (CANDIDO, 2006, p.13). Logo depois, ao longo do tempo da tradição literária, pensou-se o oposto, a importância da obra “deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão”. Por fim:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 13-14)

Ainda segundo o autor, ao se debater o tema dos fatores sociais e psíquicos, estudiosos contemporâneos tentam caracterizá-los como “agentes da estrutura” de uma produção, ou seja, não os subjugam como determinantes da essência de uma obra ou responsáveis pela formação do seu valor estético. É preciso, de fato, que a

crítica literária encontre elementos “responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel”, compreender para adentrar no significado da obra em questão. Com isso, preservamos a obra e não corremos o risco de atribuímos um valor simplista a ela.

O autor verificou que “o que a crítica moderna superou não foi a orientação sociológica, sempre possível e legítima, mas o sociologismo crítico, a tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais” (CANDIDO, 2006, p. 17). Porém, ela também não deve “dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada, bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras, - frequentemente com finalidade não literária’.

Debruçando-se um pouco mais sobre a obra de Antônio Cândido (2006), intitulada *Literatura e Sociedade*, vemos que o autor defende a ideia de que o aspecto social, presente em toda obra, não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico e sim esclarecer alguns aspectos que se sobressaem.

O estudo gira em torno de um questionamento: Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? De acordo com o estudo da época, foi possível perceber que a arte é social em dois momentos, no primeiro, quando ela depende de fatores externos exercendo influência no interno da obra, e, segundo quando produz nos leitores uma mudança na acepção de mundo que tinham ou reforça os valores sociais já existentes. Com isso, dependendo do contexto no qual a obra está inserida, faz-se necessário que o estudo se direcione por três fatores socioculturais:

posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão”. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2006, p.31)

Em todo processo de produção, segundo o autor, presume-se a coexistência de três fatos que geram o efeito da obra que, no caso, entra como um quarto elemento, são eles: o *comunicante*, aquele que tem o papel de artista/autor/criador; um *comunicado* que é a obra em si e o *comunicando*, ou seja, o público a que se dirige.

Citando neste momento Todorov (2009), vale lembrar que nem sempre a literatura teve ligação com o mundo, o autor em *Literatura em perigo*, faz um breve apanhado sobre essa mudança histórica que se deu com a teoria clássica da poesia ao ser firmada entre filósofos e teóricos da época. O autor tem o compromisso de conhecer as realidades do mundo para poder imitá-las e os leitores/ouvintes ao chegar ao apogeu da obra, tentam tirar dessa experiência uma lição para sua existência. Já na “Europa cristã dos primeiros séculos”, a poesia servia principalmente “à transmissão e à glorificação de uma doutrina da qual ela apresenta uma variante mais acessível e mais impressionante, mas ao mesmo tempo menos precisa”. No Renascimento, é exigido da poesia que ela seja bela e que vá de encontro com a verdade e com a contribuição do bem, porém “os tempos modernos” vêm para romper com a obrigatoriedade de semelhança ao término da obra, mas a ideia de imitação é mantida.

Por fim, entre os séculos XVII e XVIII, foi possível observar a autonomia de entidades como: contemplação estética, o juízo de gosto e o sentido do belo. E, com isso, surgem duas consequências, a primeira se dá pelo fato da separação das “artes”, o artista é apenas um artesão de melhor qualidade”, e a segunda é que cada coisa será retratada em seu devido lugar, antes separadas e contempladas pela sua origem e agora pela sua categoria, como por exemplo os museus e as galerias. Concluindo,

os dois movimentos que transformam no século XVIII a concepção de arte, isto é, a assimilação do criador a um deus fabricante de microcosmo e a assimilação da obra a um objeto de contemplação, ilustram a progressiva secularização do mundo na Europa ao mesmo tempo em que contribuem para uma nova sacralização da arte. (TODOROV, 1939, pg.52)

O que acontece, de fato, é uma mudança na perspectiva da produção para o da recepção. O processo de percepção e a ação dos sentidos “não esgotam a experiência dita estética, e menos ainda porque a arte considerada habitualmente como exemplar, a poesia, não é em sua essência relativa à visão nem à audição, mas exige a mobilização do espírito: a beleza da poesia sustenta-se em seu sentido e não pode ser separada de sua verdade” o que corrobora com o mesmo pensamento o poeta e teórico Octavio Paz, ou seja ou poesia que ganha vida na sociedade. Com isso, chegamos, hoje ao que podemos chamar de “duas vias que conduzem ao

mesmo objetivo, uma melhor compreensão do homem e do mundo, uma sabedoria mais ampla”, isto se dá pelo fato de que, ao ler uma obra literária, é preciso haver uma concordância entre as contribuições de poetas, filósofos e cientistas, sem que nenhum se sobressaia e sim, se complementem.

Todorov defende “o poder da literatura na poesia, pois vê a sua contribuição na formação do espírito e, por conseguinte, na realidade como um todo”. Confirmaremos a seguir, tais conceitos, mediante a apresentação do corpus em análise. (TODOROV, Tzvetan1939, p.75),

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Contextualizando os dados da pesquisa

Serrano (2011) esclarece que, todo processo de pesquisa surge com o pensamento humilde do pesquisador, reconhecendo a vastidão de conhecimentos a sua frente e aceitando sua ignorância diante do fato ainda não explorado. Ainda segundo o autor, pesquisar é um processo inacabado, nunca definitivo, é demonstrativo. Dito isto, a nossa pesquisa surgiu mediante a nossa “ignorância” frente ao vírus SARS-CoV-2 de alta transmissibilidade que ocasionou a pandemia do COVID-19 no mundo.

Segundo o Ministério da Saúde (2021), “O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019”. Ainda segundo o Ministério da Saúde, o vírus se alastrou pelo mundo inteiro através de: contato direto, gotículas ou por aerossol – quando as gotículas menores ficam suspensas no ar durante um tempo maior. Conforme orientação médica, fomos instruídos a seguir medidas protetivas, tais como: “distanciamento social, etiqueta respiratória e de higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados e quarentena dos contatos dos casos de covid-19” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021)

No Brasil, foram registrados, por meios oficiais e pelas secretarias municipais de cada estado da nossa federação, cerca de 34 milhões pessoas foram acometidas pelo vírus e, infelizmente, 687.962 não resistiram⁸. Aos brasileiros que se recuperaram da pandemia e carregam consigo suas histórias de medo, angústia, luto e tristeza pela perda de um ente querido, um amigo próximo ou até mesmo os desconhecidos, porém nossos semelhantes, restou a resiliência, e são incentivos para que a área de pesquisa literária possa dar voz a essa experiência e evoluir em prol do bem comum.

⁸ Dados adquiridos até o dado momento da pesquisa

3.2 Dados importantes para análise poética

Mediante essa realidade pandêmica, entre os meses de março a maio de 2021, elaboramos um formulário que foi compartilhado através das redes sociais, solicitando o envio de produções literárias produzidas durante a pandemia do COVID-19 e que tivesse como tema questões como: isolamento social, confinamento e sentimentos envolvidos. Além disso, o formulário também havia algumas perguntas de cunho sociocultural: nome, idade, cidade em que moram, e formação acadêmica (VER APÊNDICE A – RESILIÊNCIA: A LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA), do qual participaram oito pessoas com faixa etária entre 18 a 30/50 anos. Nossa pesquisa abrangeu 05 estados brasileiros sendo três produções enviados do Nordeste, uma de São Paulo, uma de Minas Gerais, uma do Distrito Federal, e outra do Rio de Janeiro. Analisando em números percentuais 62,5% tem ensino superior e 37,5% com ensino básico. São pessoas que se desdobram entre estudo e trabalho, profissões fora do ramo literário, como nutricionistas, publicitários e psicologia.

Vale destacar aqui a opinião dos autores sobre o que havia motivado a escrita dos poemas durante a pandemia do COVID-19. A maioria dos participantes citaram sentimentos como: medo, indignação, tristeza, angústia, desespero, a dor da perda, ou seja, a ausência de alguém querido, o luto. Com isso, trazemos aqui, parte desses dos testemunhos que, com certeza, toda população compartilhou:

AUTOR 1: “O desejo de transcender a realidade que muitas pessoas padeceram (e ainda padecem) diante do caos da pandemia de Covid-19 no Brasil.”

AUTOR 2: “O fato da vida ser breve.”

AUTOR 3: “Medo, indignação, isolamento social, tristeza”

AUTOR 4: “A angústia e desespero me tomaram conta durante o início a pandemia, desenvolvi um projeto para escrever enquanto não passava, mas não foi para frente, surgiram alguns apenas. A situação tirou minha escrita de mim, parcialmente, ao menos. Um dia de tanta raiva que explodia devido ao presidente e sua incompetência diante da situação⁹, um texto surgiu.”

⁹ No momento em que foi escrito, muitos civis discordavam do então Presidente da República sobre sua liderança frente a pandemia.

AUTOR 5: “Bom, eu estava me sentindo muito ansiosa quando escrevi, precisava desabafar essas palavras de alguma forma e saiu esse poema.”

AUTOR 6: “O momento atual de quarentena e os intensos sentimentos que surgiram nesse período, o medo, a insegurança, o fio de esperança e a incerteza de como e quando irá acabar esse momento. ”

AUTOR 7: “Não consigo ficar sem escrever... inquieto daí escrevo”

AUTOR 8: “O momento que estamos vivendo, os conflitos, a dor do ente querido.

A literatura humaniza. Antonio Candido vê a função humanizadora da literatura como:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. [...] uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintada erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. ” (CANDIDO, 1988, p. 180)

O que nos é permitido observar é que o que moveu os autores é um só sentimento: a necessidade de se expressar em palavras, ou melhor dizendo, verso, pois não importando quem escreveu – um poeta, um crítico, um estudante, um trabalhador – a poesia sempre dará voz ao ser humano e, por isso ela é necessária.

3.3 Sobre o poder frutivo da Literatura

Ao serem questionados sobre o poder frutivo da literatura, também defendido por Leyla Perrone-Moisés, como desconhecido no mundo “prática melhor e mais completa de autoconhecimento, de conhecimento dos outros e de reflexão sobre o mundo do que a leitura de um romance ou de um poema”, (PERRONE-MOISÉS, 2006, p.265) 50% dos participantes concordaram totalmente com a autora e os outros 50% em parte como veremos no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Fruição

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Além desse poder frutivo da literatura gerando, em primeiro lugar, uma necessidade de expressão humana e social, outro fator de extrema importância nesse contexto pandêmico se deu nas redes sociais. Com o isolamento social, grande parte da produção de arte, cultura e poesia foi transferida para as plataformas digitais como por exemplo o instagram e o facebook:

Gráfico 2: compartilhamento da produção

Fonte: elaborado pelo autor, 2021

Feito isso, passaremos agora à análise das produções literárias – poemas – enviadas durante a pandemia do COVID-19.

A poesia perpassa por gerações e seu poder de fruição continua mediando a era digital e globalizada em que estamos. Ela encontra meio e formas para se fixar e perdurar no tempo, seja através de um pensamento poético ou na expressão em versos, pois, assim como diz Moisés (2019) “ela está em permanente construção”, e, é exatamente por isso, que ela ajuda a construir também meios para superarmos desafios, sejam eles aceitos ou não pela crítica literária. Dito isto, “A importância da literatura na cultura contemporânea não pode ser defendida fora de uma prática. São os escritores e não os teóricos que definem, em suas obras, as mutações da literatura”, (PERRONE-MOISÉS, 2006, p.35). É válido destacar que traremos aqui uma reflexão acerca do que foi possível observar através da escrita poética dos autores, como também a motivação dessa escrita durante o enfrentamento de uma pandemia na qual várias vidas foram perdidas. Uma prática que, como afirma Perrone-Moises, transforma o modo de enxergarmos a literatura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, segundo Morin, para falar de poesia “é preciso reconhecer que, qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional, empírica, prática, técnica; outra simbólica, mítica, mágica” (MORIN, 2005, p.35). A primeira é apoiada pela lógica das palavras ou em seu uso pragmático e levando em conta o contexto em que é utilizado, já na segunda utiliza-se a significação, a metáfora, a conotação, a semântica de cada enunciado que podem revelar a subjetividade. As linguagens, ainda segundo o autor, podem ser encontradas “justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e a cada uma delas correspondem dois estados”, com isso, o primeiro estado chamado de estado prosaico e o segundo chamado de estado poético, são eles que, para Morin, “constituem, portanto, o tecido de nossa vida”.

Para Fischer (1983) que defende ideia de que a arte sempre será necessária a vida humana, pois o desejo de completude do homem é sinal de que ele quer ser mais do que é ou sente ser, ou seja, ele quer ser um homem total, anseia plenitude, compreensão e justiça em um mundo com significação. A arte entra como um elo que traduz o desejo de completude e incompreensão do indivíduo em um conjunto de palavras com significação única. Por isso, quando o estado prosaico não consegue suprir as necessidades do homem contemporâneo, a arte é capaz de suprir. Mediante estudo de Garramuño (2014) sobre o poema em prosa:

o poema em prosa foi uma das formas - entre outras – em que a poesia moderna colocou em crise uma ideia do poético e do lírico. Desde a definição dada por Baudelaire, o poema em prosa se propôs como uma forma mais branda e maleável, mais apropriada à vida urbana moderna e às divagações da alma (GARRAMUNO, 2014, p. 47)

Assim como acontece nos poemas selecionados na pesquisa, muitos deles trazem em sua estrutura marcas de oralidade até mesmo como forma de protesto, eles carregam em si a liberdade de construir no cotidiano revelando o que há no íntimo de seus escritores. Ainda segundo Garramuño (2014) alguns dos poemas em análise possuem notas de rodapé que não só vale como mostra da possibilidade da poesia de estender-se para além do limite do verso, atravessando o limite da página,

mas, além disso, permite discutir o pôr em crise uma ideia de especificidade e pertencimento a um gênero específico ou modo de discurso.

É preciso reconhecer o que Candido (2006) chamou de aspecto intuitivo e expressivo da arte, vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. Diante do papel humanizador da literatura o qual, segundo Candido (1988), seria a sua função, o autor nos mostra três faces que confirmam o motivo pelo qual uma obra passa a estabelecer uma comunicação literária ou não. São eles:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 1988, p. 176)

A junção dos três aspectos faz com que o efeito das produções literárias seja construído, porém o autor chama a atenção para o primeiro aspecto sendo “senão mais importante, com certeza crucial, porque é o que decide se uma comunicação é literária ou não. Portanto, o que pode acontecer “[..] quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. É esse “caráter de coisa organizada da produção literária” que nos capacita a ordenar todos os pensamentos e sentimentos em meio a uma vivência, uma experiência, um aprendizado, e, por fim, aprimorarmos/organizarmos nossa visão de mundo. Nisso consiste o que o autor chama de primeiro nível humanizador, podendo ser manifestado nas diversas formas literárias existentes.

Tratando-se do corpus em análise, o primeiro poema intitulado A lâmpada do Aladim¹⁰, apresenta três estrofes, a primeira sendo uma quadra, a segunda um terceto e a terceira uma quintilha. O ritmo do poema é estabelecido com rimas perfeitas ao final dos versos, como podemos observar na primeira estrofe entre “agonia” e “dia”, na segunda estrofe “mIM”, “all”, “fIM”, alcançando o objetivo do que o eu lírico deseja afinal: “como eu queria a lâmpada do AladIM!” e, na terceira estrofe com "IÂMpada",

¹⁰ Autoria: O autor não respondeu à pergunta sobre o sigilo de identidade. Portanto, manteremos seu nome em sigilo.

lambança”, “ignorância”, “vida”, “triste”, “partida”, “despedida”, destacando-se nisto a assonância da vogal “i”.

Respirar! Como eu queria respirar!
 Na noite da **agonia**,
 Que na verdade era todo **dia**,
 Eu só queria **respirar**.

Meus filhos choravam por **mim**.
 Os médicos estavam ali.
 Torcida sem **fim**. Ah! Como eu queria a lâmpada de **Aladim!**

Se eu tivesse essa **lâmpada**
 Pediria o fim da **lambança**
 De tanta **ignorância**. Acordem para a **vida**
 Por que é triste a **partida**
 Sem a tal da **despedida**.

A linguagem poética é forte e causa impacto ao ser lido, pois ressalta a fragilidade humana. Observa-se a repetição da palavra “Respirar”, na primeira estrofe, quando aparece pela primeira vez sozinha e seguida de um ponto de exclamação, faz-se no refletir sobre essa necessidade básica que, no decorrer do dia a dia acontece de forma natural, mas que, naquele momento, como quando aparece pela segunda e terceira vez nos versos consequentes, não fala-se sobre a naturalidade do ato e sim sobre a falta dele, pois sabemos que o vírus do COVID-19 ataca inicialmente os pulmões dos pacientes o que ocasiona a falta de ar. O ponto de exclamação após a palavra “respirar” e o ponto final ao finalizar a estrofe nos remete a sensação de que cada palavra ali posta poderia ser a última.

Na segunda estrofe é importante destacar que a pontuação utilizada pelo eu lírico ao final de cada verso é um ponto final, finalizando com mais dois pontos de exclamação. O ponto final seria apenas no poema ou a arte imita a vida e o fim seria também na realidade? A lamentação dos filhos, a torcida pela melhora ou por um milagre? e, por fim, o desejo central da mensagem poética: ter em mãos um objeto mágico que pudesse mudar a realidade. Vale destacar que ao pedir, que acabem a lambança e a ignorância - aqui interpretada pela falta de compromisso com os

protocolos de segurança e cuidado -, o eu lírico finaliza criticando os que não respeitam ou levam a sério os protocolos e reflete sobre o final da jornada: “é triste a partida / sem a tal despedida”. Ao ser questionado sobre o que havia motivado a sua escrita o autor (a) respondeu: “*O desejo de transcender a realidade que muitas pessoas padeceram (e ainda padecem) diante do caos da pandemia de Covid-19 no Brasil.*”

Ao discorrer sobre a função da literatura, Antonio Candido (2006) fala sobre uma literatura social, ela tem o poder de satisfazer a “necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face delas”. Disso, segundo o autor, resulta uma literatura empenhada (e por que não engajada?), que parte de “posições éticas, políticas, religiosas, ou simplesmente humanísticas”. A literatura engajada exige urgência e é feita para atingir seu objetivo aqui e agora, é isso que justo posto a caracteriza como “a recusa da passividade com relação a este inevitável envolvimento no mundo” (DENIS, 2002, p.36):

[...]
 Por sua culpa, há histórias que nunca mais serão contadas
 Por sua culpa, sorrisos foram substituídos por linhas e olhares trágicos
 Por sua culpa essas histórias nunca mais estarão completas
 Por sua culpa, estou tendo que contar essa história agora
 Que jorre sangue dos meus dedos
 Que o meu peito se rasgue em ansiedade
 Estou cansada demais para não debater isso
 Não estou cansada para dizer que

Eu
 não
 vou
 esquecer

Estou aqui para contar as histórias daqueles que não podem fazer
 isso por si mesmos
 Estou aqui para registrar
 Estou aqui para lutar
 Estou aqui para manter a arte viva
 Enquanto há pessoas reais morrendo lá fora
 Você não matará meu espírito
 Não vou me calar

Os versos do segundo poema sem título¹¹ acima são tradução da revolta e indignação frente a lideranças políticas aos meios de enfrentamento à COVID-19 no Brasil. O eu lírico se recusa a aceitar os problemas existentes na época por mera negligência política. Essa voz que culpa, essa voz que se cansa, essa voz que diz não se esquecer, é a mesma voz que, através da poesia, deixará registrado e lutará para que, apesar das vozes caladas pelo vírus, ele não vai se calar mediante a omissão dos fatos. Atravessando os limites da página como cita Garramuño (2014) o eu lírico enfatiza bem sua indignação ao formular em linhas diferentes a frase:

eu
 não
 vou
 esquecer

Ao ser questionado sobre o que havia motivado a sua escrita observamos que a motivação da escrita vai de encontro com a enfática frase acima. A autora respondeu: *“angústia e desespero me tomaram conta durante o início a pandemia, desenvolvi um projeto para escrever enquanto não passava, mas não foi para frente, surgiram alguns apenas. A situação tirou minha escrita de mim, parcialmente, ao menos. Um dia de tanta raiva que explodia devido ao presidente e sua incompetência diante da situação, um texto surgiu.”*

Nos versos do terceiro poema intitulado Quarentena, dia: ??¹² a seguir, observamos a dúvida como principal ponto de partida para a linguagem poética em análise, através dos pontos de interrogação do título é possível perceber uma certa confusão mental de não saber com exatidão os dias da quarentena - período pelo qual as pessoas foram submetidas ao isolamento durante a pandemia do COVID-19 como forma de conter o avanço da doença - em que o autor estava. O ser humano de fato se encontrava perdido e sem noção de dias ou meses, pois eram na maioria das vezes todos iguais. Na primeira estrofe, com versos hexassílabos, o autor tenta encontrar uma resposta que justifique o acontecido e vai da teoria do caos à sublimação supondo uma justiça superior frente às ações da humanidade:

¹¹ Autoria: Poema sem título da Melissa Lopes de Araújo Neiva, 18 anos, estudante, ensino básico, BA.

¹² Autoria: Jaqueline Camargo Moreira, 22 anos, Estudante Universitária, SP.

Quarentena, dia: ?/?

o acaso
 a ordem inversa de tudo
 seria desordem? seria o caos?
 ou somente o universo falando com a gente? dizendo:
 o mundo não gira em torno do homem,
 da economia, dos meios de produção, de sua sobrevivência

Na primeira estrofe, o eu lírico faz questionamentos sobre as movimentações (in)esperadas por algo que afeta a população. Através do questionário aplicado e do título do texto, sabemos que ele se refere à quarentena recomendada pelos órgãos competentes pela saúde para que ocorresse um isolamento ou quarentena, evitando a propagação do vírus Covid-19. A rotina do dia a dia de milhões de pessoas, comércios, escolas, universidades, hospitais etc., em diversos países teve que ser repensada para controlar e evitar o índice de contágio que se alastrou de forma preocupante a nível global. Essa mudança do cotidiano, é representado pelo escritor como um acaso que trouxe desordem e incitou a reflexão de que o universo e o mundo não giram apenas em favor do homem, muito menos de suas produções e sobrevivência.

Na segunda estrofe, como veremos a seguir, o autor quis enfatizar como a pandemia afetou as pessoas para além dos sintomas de infecção. De acordo com os versos, “a gente” é impactado com a percepção de que somos frágeis e suscetíveis frente as eventualidades que somos acometidos. Esse sentimento de receio, justificaria o temor e sensação de insuficiência:

a gente se espanta com a impotência, com a fragilidade e a suscetibilidade
a gente treme diante do inesperado
a gente teme
 e teme a si mesma

o encontro com as sombras com as **certezas incertas** com o lado mais íntimo
 e perceber **que está só**
 é não saber lidar com essa solidão mas é a chance de fazer as pazes de se acolher e reconhecer

Observamos que o eu lírico segue destrinchando sensações e percepções que são obtidas após incertezas diante do indefinido. Esse afastamento do outro, esse

retirar-se fisicamente das interações com outros, acarreta em solidão, ao mesmo tempo que pode ser visto pelo prisma de possibilidade para direcionar o olhar para si mesmo e buscar o autorreconhecimento. Nos versos do quarto parágrafo, o poeta devaneia sobre a força de resistir e aguardar.

notar que há alguém aí
existindo diante das miragens do mundo suportando, resistindo,
esperando ansiosa ou pacientemente

e eu só desejo

que a **flor possa quebrar o asfalto**
vencer o tédio, o nojo, o ódio, o vírus
e formar-se primavera no cerne do seu futuro
dê-se a mão e confie que dias melhores virão!

— Poema do meu livro Poemarcante, Jaqueline Camargo 2021.
Referência ao poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade.

Atentemos, agora, aos sentimentos que permeiam não apenas o eu lírico, mas toda “a gente” que compartilha das mesmas angústias: a impotência, a fragilidade, a suscetibilidade, o medo do inesperado, temor do que pode ser feito consigo mesmo ou até mesmo na antítese presente na terceira estrofe quando nas “certezas incertas” descobrimos que no final não há certezas e resta apenas o “íntimo”, ou seja, “perceber que está só”. Este é o momento em que há a transição do coletivo - a gente - para o individual – o está só:

O poeta se refugia na subjetividade, de onde espera extrair a matéria de sonho e realidade a ser carreada para seus poemas. Já o leitor será convidado a reproduzir a experiência do recolhimento, na condição de confidente privilegiado diante de quem, ou diretamente a quem, o poeta expõe suas inquietações profundas, sua mais secreta intimidade, na expectativa de encontrar algum acolhimento, recepção afetiva e compreensão (MOISÉS, 2019,p.82).

A essência do poeta levará o leitor a um caminho da experiência conjunta, ou seja, a sua própria essência, seja uma experiência positiva na qual assemelha-se ao do poeta, ou seja, uma experiência negativa a qual discorda das inquietações postas. Dito isto, a obra continua sendo uma construção de objetos ânicos, sendo uma forma de expressão ao manifestar emoções e a visão de mundo, como também uma forma de conhecimento. Na última estrofe do poema, o eu lírico finaliza expressando o desejo da vitória e da superação fazendo referência ao poema “A

Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade, indicando ao leitor que, para ele, há esperança em dias melhores. Ainda no último parágrafo, o eu-lírico anseia por novos momentos para regozijar-se, momentos estes que vão de vencer o tédio que a solidão causou a também vencer o vírus. É nesta visão de conquista que o poeticamente o autor encerra sua visão futurística almejando dias melhores. É o que se confirma ao lermos a motivação da sua escrita: *“O momento atual de quarentena e os intensos sentimentos que surgiram nesse período, o medo, a insegurança, o fio de esperança e a incerteza de como e quando irá acabar esse momento.”*

Em contrapartida, o quarto poema sem título¹³ a seguir difere dos anteriores, pois em sua interpretação poética, não há desejos esperançosos ou visão de dias melhores. Utilizando-se de versos brancos, o som linear, a repetição de palavras - morro/remorro, passa/passos/compasso/ - nos sensibiliza, nos toca, nos entristece, pois sabemos que, de fato, há momentos na vida em morremos, mas ressurgimos, só que nesse momento é diferente, o eu lírico escuta *“teus passos”* num *“compasso infernal”*, ele sente que a hora chegou e que *“de morte morri”*, pois *“tudo se acaba”* e na pausa para a espera, o *“silêncio”* seguido do fim:

Eu morro e remorro
Na vida que passa
Eu ouço teus passos
Compasso infernal
Nasci para a vida
De morte morri
Mas tudo se acaba
Silêncio
Morri

Essa realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana (TODOROV, 1939, pag. 77), é isto que, na pesquisa, a poesia nos faz experienciar.

Segundo Calvino (1980, pg.61), o escritor de prosa e poesia adquire êxito *“na felicidade da expressão verbal, [...] da frase em que todos os sons são insubstituíveis, do encontro de sons e conceitos que sejam os mais eficazes e densos de significado”* segundo o autor, essa é uma característica especial de textos curtos que, não desmerecendo os maiores, tem uma carga maior de densidade. E foi exatamente *“o fato da vida ser breve”* o que motivou o autor na sua escrita.

¹³ Autoria: o autor (a) prefere manter sua identidade em sigilo.

As palavras dispostas, como também afirma Antonio Candido em o Direito à Literatura, “comunicam-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”:

QUARENTENA¹⁴

Para muitos,
tempos de reflexão
tempos de pânico
tempos de solidão
uma estrada irregular

Para outros,
tempos de ansiedade
tempos de fome
tempos de luto
uma viagem não planejada

Para alguns,
tempos de renovação
tempos de descobrimento
tempos de conexão
reencontros consigo mesmo

Para todos,
tempos de tristeza
tempos de pausa
tempos de lágrimas
uma família separada

Para a vida,
tempos de atenção
tempos de descobrimento
tempos de tempos
seguindo o tempo desconhecido

Os versos acima do quinto e último poema em análise nos mostram exatamente o caminho do eu lírico tentando compreender e organizar-se e, assim, organizar o mundo, pois quando questionado sobre o que havia motivado a sua escrita disse que: *Bom, eu estava me sentindo muito ansiosa quando escrevi, precisava desabafar essas palavras de alguma forma e saiu esse poema. A necessidade de pôr para fora o que dentro estava em desordem, fez com que as palavras fossem postas como fator primordial a ordem do eu. Os versos organizados em quintilha e alocados em cinco estrofes, tenta traduzir o que foi a pandemia do COVID-19 para: “alguns”,*

¹⁴ Autoria: Sarah Carolina R. S. Ferreira, 24 anos, ensino superior incompleto, MG.

“muitos”, “outros” e, em seguida, de forma geral para “todos”. Ele tenta traduzir em palavras, na sua maioria negativas, os sentimentos que assolaram a humanidade, assim como o autor expressa, cada ser humano experienciou, de modo particular ou partilhado tais sentimentos.

“Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque me ajuda a viver [...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 1939, p. 23). O maior dos ensinamentos, para o autor do poema em análise, talvez seja sobre o tempo. Presente em todos os versos, ele nos indica que há tempo, inclusive, para tudo e todos, isso pode ser compreendido como visão de mundo, ou seja, compreensão.

Observamos que os poemas analisados trazem em comum temáticas diversas, a maioria usou a pandemia e a quarentena para refletir os efeitos que essa crise mundial de saúde teve na sociedade e como as pessoas foram atravessadas por sensações e sentimentos plurais após tantas incertezas, já outros fizeram dos versos um manifesto, um protesto, depositaram neles esperança, compaixão e, principalmente, resiliência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos versos do poema em análise: Acordem para a vida / Por que é triste a partida / Sem a tal da despedida. Esta foi uma das tantas considerações que nos fizeram refletir sobre como a Literatura é capaz de traduzir os sentimentos humanos. É um lembrete da brevidade da vida, das inconstâncias, de amar e viver cada dia como se fosse o último. Cândido (1988), ao afirmar que a literatura pode apresentar um viés mais humanizador, aproximando a escrita literária com a vida e o mundo, nos assegura esse poder de transformação.

Desse modo, nosso estudo buscou compreender como a influência do meio social - quarentena, distanciamento social, perdas constantes, e etc, - exercida pela pandemia da COVID-19 acerca de produções literárias refletiram como suporte ao enfrentamento da quarentena. Objetivamos, com isso, reafirmar a importância da escrita literária produzida diante do confinamento/isolamento social e rediscutir através da revisão bibliográfica como em tempos de pandemia o homem se expressa através da arte dando forma, nome e sentido ao contexto em que ele está inserido. Para atingir tais objetivos, estudamos neste trabalho um conjunto de poemas que foram enviados através da criação - autoria própria - e divulgação - entre os meses de maio a junho de 2021 - de um formulário intitulado: Resiliência: a literatura em tempos de pandemia. O intuito seria analisar a escrita literária dos autores e se ela responde a nossa questão problema.

Tais proposições são de extrema importância para nós, pois revelariam a voz do escritor que perpassa por um momento difícil da história e, de início, deduzimos que a literatura mais uma vez torna-se um meio de enfrentamento de causas diárias e importantes para os seres humanos, podendo assim, representar sentimentos, ansiedade, medo, tudo que está em volta de uma realidade pandêmica. Justifica-se tal pensamento por assim dizer que: é sempre válido reafirmar o valor da literatura em uma sociedade que menospreza e desconhece sua importância, ela é símbolo de luta e resistência.

Com isso, ao longo da análise e com base na fala dos autores sobre o que teria motivado a escrita dos poemas, descortinamos o que os poetas em ascensão almejavam: o desejo de transcender a realidade, o fato da vida ser breve, medo,

indignação, tristeza, angústia, ansiedade, desejo de serem ouvidos (as), incertezas e, por fim, para superar o luto, a dor do ente querido.

Confirmamos, pois, a importância da escrita literária ao tomar conhecimento das motivações, uma vez que, aquilo que nos inquieta, nos move. Tal qual afirma Todorov (1939) ao dizer que a poesia exerce grande influência e contribuição na formação do espírito e na realidade como um todo.

Dito isto, no que tange às informações do aporte teórico nos capítulos 2 e 3 vemos a importância da Literatura, essas reflexões que apresentamos, evidenciam como a arte é libertária, como os seres humanos podem encontrar na literatura um meio de superação e, através da poesia, motivação. Nossa pesquisa possui correlação com a atualidade, uma vez que traz à tona e se confirma com o fundado conceito de que literatura e sociedade caminham juntas. Além disso, a temática abordada por cada autor/poeta é sobre algo muito recente em nossa sociedade, - a pandemia causada pela SARS--CoV2 - merecendo ainda muita discussão, e que o assunto tenha seu devido valor e importância reconhecido seja pela ciência ou por outros meios como a arte.

Diante das poesias analisadas e dos textos teóricos, constatamos que foi possível refletir na poesia os problemas reais que toda uma população estava enfrentando, e deste modo, puderam colocar em palavras o que era sentimento e anseio de muitos que poderiam se ver refletidos nos textos literários. Impressiona que esses pequenos poemas, possam mesmo sob uma análise rápida, revelar um olhar para representações de diversos aspectos - aqui já mencionados - que vivemos durante a pandemia de covid-19, principalmente no período do confinamento.

Sugerimos, pois, como aprimoramento para estudos futuros na área aqui recém-explorada, um apanhado aprofundado sobre o percurso histórico de como se deu a relação e cruzamento entre os conceitos de Literatura e sociedade/ser social e, também uma análise na discussão do que torna uma escrita poética/literária ou não, pois como cita Perrone-Moisés (2016, p. 263), “a possibilidade de escrever e publicar nunca esteve ao alcance de tantas pessoas como em nossa época, e se isso inflaciona a quantidade de escritos banais, também aumenta a chance de aparecer, entre eles, algo digno de nota”. Além de explorar questões como: meios utilizados para divulgação da obra, já que algumas das produções foram compartilhadas nas redes sociais e em blogs, assim como uma análise sobre a formação da identidade cultural na pós modernidade proposta por Hall (2011), que nos faria entender melhor

sobre esse ser que sente a necessidade de se expressar, ou seja, o indivíduo em análise. O confronto de uma poesia pós pandemia - o que os autores estão escrevendo após o evento traumático e o que seria percebido como indícios de uma escrita traumática - tal como um apanhado geral sobre o que está sendo produzido nos anais, congressos, encontros e debates sobre a literatura na pandemia ou a pandemia na literatura, assim como foi tema do 24º Congresso de Estudos Literários do PPGL -UFES e tantos outros já produzidos por universidades.

Por fim, recordamos que em um dos poemas, a narrativa poética girava em torno da sensação de esperança do eu lírico; e em outro, a poesia se voltava para o autoconhecimento e a perspectiva de que a cura desse margem para que a sociedade pudesse se reerguer. Concluímos então que a literatura exerceu um papel fundamental para que a resiliência fosse vista no horizonte daquele cenário de medo, perdas e dores. Os autores utilizaram a arte literária como um meio de (re) pensar formas de se adaptar e se reconectar com o “eu” interior, a fim de passar por essa adversidade que o país inteiro enfrentava. Confirmamos, pois o conceito do ser resiliente na literatura, em face dos poemas, eles nos mostraram que, por mais difícil fosse voltar ao normal, voltaríamos sim, porém ressignificados.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a Covid-19?**. Brasília, 2021
<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus>. Acessado em: 27 de out.2022
- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia de letras, 1990.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. *E-book*.
- CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria duas Cidades Ltda, 1977. *E-book*.
- CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. In: Candido, Antônio, **O Direito à Literatura**. 4. ed. São Paulo: Livraria duas Cidades Ltda, 1977. p. 189-191. *E-book*.
- DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Dagoberto de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.
- ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed.. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 1. reimp. Rio De Janeiro: DP&A, 2011.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. 7.ed. Trad. Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da Literatura no século XXI**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- TODOROV, Tzevetan. **A literatura em perigo**. 2.ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

APÊNDICE A – RESILIÊNCIA: A LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

08/12/2022 11:02

Resiliência: a literatura em tempos de pandemia

Resiliência: a literatura em tempos de pandemia

Olá! Se você produziu algum texto literário durante a pandemia, que tenha relação com o vírus da COVID-19 e/ou com a pandemia (sentimentos variados, confinamento, isolamento social etc.), por favor, nos envie através deste formulário. Trata-se de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso realizada por Fernanda Lais - aluna do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - que visa analisar, através de produções literárias, como a literatura está representando a nossa atual realidade pandêmica.

Desde já, somos gratos por sua disponibilidade e colaboração.

"Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo." João Guimarães Rosa.

***Obrigatório**

1 DADOS PESSOAIS

Iremos preservar todas as informações fornecidas nesta sessão do formulário.

1. Nome completo: *

2. Qual a sua idade? *

3. Qual a sua ocupação? *

08/12/2022 11:02

Resiliência: a literatura em tempos de pandemia

4. Qual a sua formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Básico
- Ensino Superior
- Ensino Técnico
- Outro: _____

5. Você é aluno da Universidade Estadual da Paraíba? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Ex aluno (a)

6. Caso sua resposta anterior seja afirmativa: Qual Curso e período?

7. Cidade em que reside: *

8. Telefone ou e-mail para contato: *

2 PRODUÇÃO LITERÁRIA

9. O que motivou a sua escrita?

08/12/2022 11:02

Resiliência: a literatura em tempos de pandemia

10. "Quanto a fruição, ainda não foi inventada outra prática melhor e mais completa de autoconhecimento, de conhecimento dos outros e de reflexão sobre o mundo do que a leitura de um romance ou de um poema." O quanto você concorda com essa afirmação da autora Pérrone-Moisés (2016)? *

Marcar apenas uma oval.

Concordo parcialmente

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Concordo totalmente

08/12/2022 11:02

Resiliência: a literatura em tempos de pandemia

11. ANEXE AQUI A SUA PRODUÇÃO:

12. Você publicou ou compartilhou suas produções em alguma mídia social ou grupo de leitura? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim (Instagram, WhatsApp, Twitter, grupo de estudo/literário, amigos, curso de extensão)
- Não

13. Caso a resposta anterior seja afirmativa, anexe aqui o link da sua publicação:

14. Você autorizaria a exposição da sua produção na nossa pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Sim, porém mantendo minha identidade em sigilo
- Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários